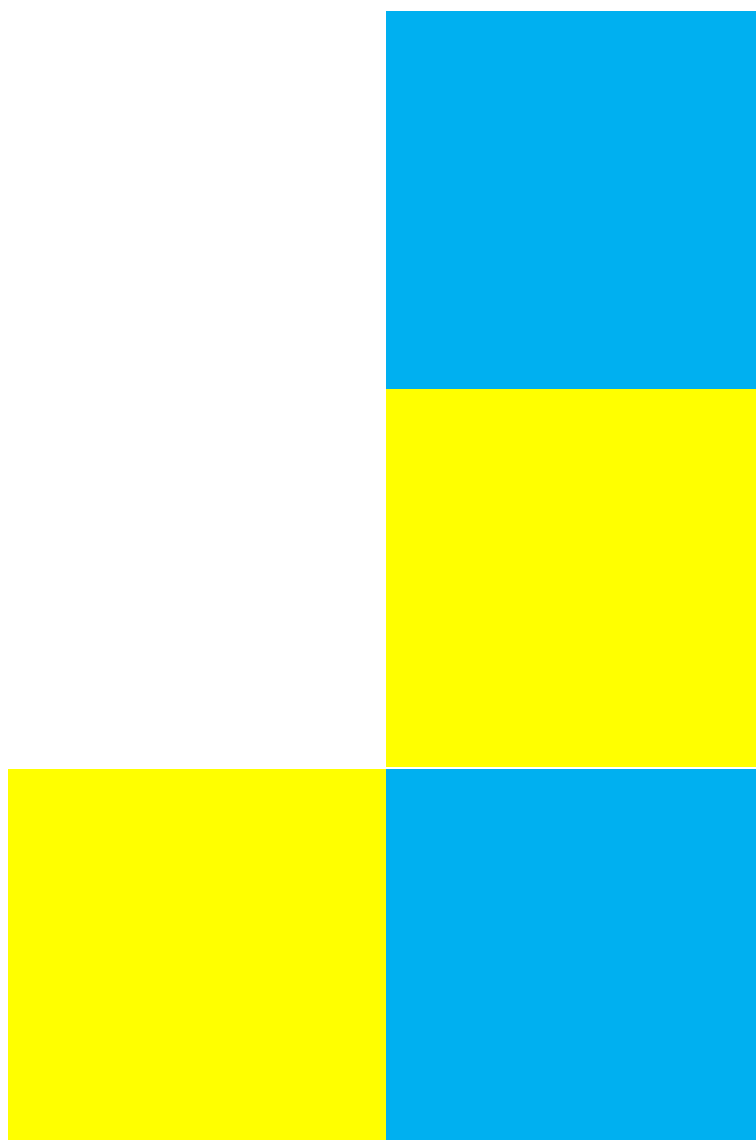


# Trilogias

Giuseppe Cocco

*Professor Titular da UFRJ, coordenador do LABTeC-PPGCOM-UFRJ, membro da Rede de laboratórios Moitará.*



## 1. Introdução

Antonio Negri e Michael Hardt publicaram muitos livros em parceria, antes e sobretudo depois de *Império*, mas há uma constelação de três livros que tem uma grande harmonia: *Império*, *Multidão* e *Commonwealth*. É uma sequência potente: a reflexão sobre as novas formas de soberania na globalização (*Império*) abre o caminho ao trabalho da *Multidão* na constituição do *Comum*. A participação de Michael Hardt no trabalho de Negri foi fundamental. Hardt oferece uma escrita cristalina e uma respiração literária ao arcabouço teórico negriano cuja leitura é em geral bem mais difícil. Mas não é só isso: Hardt coloca Negri diretamente no coração do ponto mais avançado, essa “América” que foi o ponto de apoio da grande inversão *operaísta*, aquela proposta por Mario Tronti em 1970 e que soava assim: onde o partido (comunista) é forte, a classe operária é fraca (na Europa). Onde a classe é forte (nos EUA), o partido é fraco<sup>1</sup> (Tronti, 1971).

A trilogia de *Império é pop*. Ela me faz pensar em uma outra conquista da América por parte da *imaginação* italiana que aconteceu nas mesmas décadas de 1960 e 1970: os *westerns* de Sergio Leone. Como Negri, Leone era obcecado pelo número três e produziu duas trilogias. Depois da dita “Trilogia do dólar” (que se inspirava mais no cinema japonês de Kurosawa), Leone produziu uma segunda que era totalmente *americana* e – nesse sentido – universal: *Era uma vez no Oeste* (1968) falava do fechamento da fronteira; *Era uma vez uma revolução* (1971)<sup>2</sup> apresentava o fracasso da revolução mexicana e *Era uma vez na América* (1983) representava a corrupção do movimento operário americano (Krohn, 1989, p.13). Não se trata aqui de fazer uma correspondência entre cada filme e cada livro, mas de colocar o impacto teórico e cultural da trilogia de Negri e Hardt no mesmo patamar das trilogias de Leone. O segundo filme de Leone (que em italiano tinha como título *Giù la testa*) era uma referência épica à militância autônoma, com “os longos casacos empoeirados e lamacentos dos irmãos Earp” (Simsolo e Leone, 1987, p.14)

---

<sup>1</sup> Tronti desenvolve essas teses no *Pós-fácio* à coletânea de seus artigos dos anos 1960, publicada com o título *Operai e Capitale*, Einaudi, Torino, 1971. O Pós-fácio é de 1970 e tem como título *The Progressive Era*. O parágrafo no qual ele explicita essa inversão entre os Estados Unidos e a Europa tem como título “Marx em Detroit” (pp.326 a 340 da tradução portuguesa de Carlos A. de Brito e Manuel Villaverde Cabral, Afrontamento, Porto, 1976). A “Leitura americana de O Capital e dos Grudrisse” que Tronti propõe inspirou também Giovanni Arrighi que fez a mesma operação para tentar apreender a centralidade material da China em *Adam Smith em Pequim*, Akal, Madrid, 2007, pp. 26-7. Para uma problematização dessa leitura, vide o cap. 4 “A Chinese New Nomos of the world?”, pp. 109-130. Bruno Cava e Giuseppe Cocco, *New Neoliberalism and the Other*, The Rowman & Little Field, Lanham, 2018.

<sup>2</sup> Apenas na França o segundo filme da trilogia recebeu o título escolhido por Sergio Leone: *Il était une fois la révolution*. Na Itália, o título atribuído a esta obra foi *Giù la testa* e, nos Estados Unidos, *A fistful of Dynamite ou Duck you Sucker*.

vestidos pelos militantes de Milão<sup>3</sup>. Tomando John Ford como sua fonte de inspiração, o próprio Leone indica como quis falar de uma outra América neste filme: “aquela dos *ghetos*, da miséria urbana, das lutas sindicais” (Simsolo e Leone, 1987, p.15). Sempre falando de John Ford, Leone enfatiza que “os heróis fordianos jamais são individualistas ou solitários (...) Ao contrário, são sempre homens profundamente enraizados em sua comunidade, exatamente como emigrados irlandeses, satisfeitos com sua nova condição”. (Simsolo e Leone, 1987, p.15)

Havia em John Ford alguma complementariedade com Henry Ford, o empreendedor da Ford Motor Company: dois “fordismos” que convergiram para o *New Deal* (antes) e para o *Welfare State*, depois. Leone cita – entre vários filmes de John Ford, *As Vinhas da Ira* (*The Grape of Wrath*, 1939), adaptado a partir do livro de John Steinbeck, que acontece na Grande Depressão. Curiosamente, este filme e o livro foram citados recentemente, bem no meio dos levantes multiétnicos que se seguiram aos eventos de Minneapolis, em um dos sites dos Suprematistas Brancos<sup>4</sup>. Allenswroth escreve: “Nosso povo, nossa cultura, nossa história, tudo o que prezamos está sob o ataque incansável da Mídia tradicional, dos políticos, dos ativistas e dos *kritarchs*<sup>5</sup> nas Cortes, apoiados e instigados por inimigos de dentro, frequentemente nossos próprios amigos e parentes, que internalizaram a narrativa libelo de sangue esquerdista de uma América irremediavelmente ‘racista’ que tem que ser arrasada...” (Allenswroth apud Berardi, 2020, p.1). Franco Berardi (Bifo) lê esse tipo de literatura de extrema-direita como uma confirmação de suas previsões mais sombrias. No túnel do fim do mundo, aparece o abismo americano, o chamado à guerra civil do “*People of the Second Amendment*”, ou seja, das milícias brancas armadas. Diante dos sermões do evangelismo reacionário, parece que na esquerda só se levantam os sermões sobre o fim do mundo como esses do próprio Bifo.

Tentando não seguir nenhum sermão e nenhum sacerdote, podemos pensar *Império* como um encontro de Tronti e Leone em uma América que está para além dela:

<sup>3</sup> Sergio Leone, “John Ford”, *Cahiers du Cinéma*, (publicado inicialmente em *Conversations avec Sergio Leone*, de Noël Simsolo, Stock, Paris 1987), cit., p. 14.

<sup>4</sup> Wayne Allenswroth, “The Old America Is Dead: Three Scenarios For The Way Forward.”, *Zero Hedge*, Citado por Franco Berardi (Bifo), “The American Abyss”. E-Flux, setembro de 2020 <https://www.e-flux.com/journal/111/343656/the-american-abyss/> (o texto do zero hedge saiu do ar).

<sup>5</sup> Termo usado pelos Suprematistas brancos para se referir, pejorativamente, ao que eles consideram como juizes que pensam que são legisladores.

a soberania imperial é, ao mesmo tempo, a globalização do americanismo e seu declínio. Contudo, é esse esforço de ir para a outra América (em minúsculo) que ainda fica em aberto. Tronti pensou em colocar Lenin na Inglaterra e Marx em Detroit, enquanto Giovanni Arrighi se inspirou em Tronti para colocar Adam Smith em Pequim. Nós precisamos colocar Tronti em Minneapolis, no tumulto que mudou a história do mundo depois do assassinato de Georg Floyd. Talvez seja aqui que se pode abrir uma reflexão sobre *Império* que aponte sua atualidade potente e seu esgotamento em desenvolver suas próprias propostas. Negri interiorizou as críticas que vieram de fora e, por isso, não conseguiu ir para as Américas (no minúsculo e no plural). Este ensaio visa, pois, colocar alguns primeiros elementos de reflexão nessa perspectiva.

## 2. Perdendo a cabeça para que ela fique no lugar

Minha relação com Negri é antiga: meio século. Antes de ser acadêmica, ela foi política (na década de 1970) e pessoal (desde 1983). É uma relação que vara a breve longa década de 1970, esse “1968 que durou 10 anos”<sup>6</sup> (Negri, 2006, pp.35-36): entre o *Queremos tudo* (*Vogliamo tutto*)<sup>7</sup> dos operários da Fiat em Piazza Statuto em Turim (1969) e a manifestação quase insurrecional da *Orda d’oro*, no dia 12 de março de 1977 em Roma. Escrever sobre *Império* é também escrever sobre minha vida e a biografia dos autores (particularmente de Antonio Negri). A primeira vez em que um fragmento de biografia intelectual do operariado me apareceu nessas dimensões foi em um seminário na PUC-Rio. Estava em uma mesa em um evento cujo nome não recordo. Um professor da USP apresentava uma exegese acadêmica de um panfleto do *Comitato Operario* de Porto Marghera sobre a “Recusa do Trabalho” que datava de 1970. A minha sensação era ambígua. Por um lado, o incômodo com uma leitura distante (por mais bem-intencionada que fosse) de “dizer(es) que eram verdadeiramente fazeres”<sup>8</sup> (Austin apud

<sup>6</sup> Negri fala nesses termos do movimento italiano como um 1968 que durou 10 anos em sua entrevista autobiográfica: *Du retour. Abécédaire biopolitique*. Entretien avec Anne Dufourmantelle (2002). Tradução brasileira por Clóvis Marques, *Da Volta*, Record, Rio de Janeiro, 2006, pp. 35-6.

<sup>7</sup> O livro de referência é o romance do escritor Nanni Balestrini, *Vogliamo Tutto*, Feltrinelli, Milano, 1971.

<sup>8</sup> John L. Austin, usado por Barbara Cassin, *Quand dire, c’est vraiment faire. Homère, Gorgias et le peuple arc-en-ciel*, Fayard, Paris, 2018. O livro de Cassin é extremamente interessante no plano filosófico e, ao mesmo tempo, totalmente deslumbrado com a realidade dos processos políticos e sociais na África do Sul pós-apartheid.

Cassin, 2018, p.1). Pelo outro, a alegria de um reencontro totalmente intempestivo. A primeira imagem que me ocorreu foi a do belo livro de Eder Sader (1988), *Quando novos personagens entraram em cena*, e exclamei: “eu sou um personagem desse texto, pois comecei a fazer política com os operários de Porto Marghera e eram justamente eles que faziam esse discurso de crítica do trabalho que ainda continua a escandalizar a esquerda”<sup>9</sup>. Assim, as reflexões que se seguem são um pouco o fruto do que Günther Anders definiu como a existência gaguejadora dos migrantes, “atirados não apenas de um país a outro, mas também de língua em língua”<sup>10</sup> (Anders, 2013, p.101), entre as mais diferentes exegeses.

No prefácio à segunda edição italiana de *Jó: A Força do Escravo*, Negri narra que escreveu sobre o livro bíblico como um exercício de resistência, para entender seu sofrimento dentro da prisão e diante de uma pergunta perturbadora: “(não será que minha) percepção tão aguda da crise da medida e das leis que a estruturam (...) foi capaz de abalar minha razão a ponto de levar-me – com alguns amigos – ao enfrentamento revolucionário contra o Estado (?)” (Negri, 2007, p. 9). Ele responde imediatamente: “A história acabou mal – eu estava na prisão. E, no entanto, houve algo de sólido e verdadeiro em nossa rebelião”. (Negri, 2007, p.10)

É uma reflexão forte, que me interpela por pelo menos três razões. Em primeiro lugar, por ter participado dessa tentativa de revolução. Em seguida, porque – por sorte ou por prudência – não experimentei o sofrimento do Negri, mas um êxodo cheio de descobertas. Aliás, em algum lugar, Slavoj Žizek fala com desdém dos “revolucionários” que, inconscientemente, não acreditam em fazer mesmo a “revolução”: sempre me encaixei nesse diagnóstico. Minha visão e minha vivência da política radical era mesmo não revolucionária: o que me interessava de fato era o processo, o contrapoder, ou seja, a dimensão constituinte das lutas e não o desfecho com todos os dispositivos e as armadilhas que ele implica. Isso me faz pensar ao debate que se seguiu à palestra nos Estados Gerais da Psicanálise, que fechou sua primeira visita ao Brasil. Nele, o próprio Negri respondeu a uma pergunta dizendo que ele “jamais tinha encontrado o inconsciente andando por aí”<sup>11</sup>. Da mesma maneira que não há como confirmar o inconsciente pelo

<sup>9</sup> Porto Marghera é a zona industrial de Veneza, a poucos quilômetros de Pádua.

<sup>10</sup> Retomo o uso e a citação de Günther Anders a Barbara Cassin, *La nostalgie. Quand donc est-on chez soi?*, Autrement, Paris, 2013.

<sup>11</sup> Palestra proferida no Segundo Encontro Mundial dos Estados Gerais da Psicanálise, Hotel Glória, Rio de Janeiro, 2 de novembro de 2003.

seu reconhecimento, não há como fazer a revolução de verdade, pois que nesse caso ela implementa um outro regime (muitas vezes pior do que aquele que substituiu). Me parece que são os mesmos termos da polêmica de Bogdanov, codinome do militante bolchevique de nome Aleksandr Aleksandrovic Malinovskij, com Lenin. Bogdanov já dizia que afirmar a vanguarda revolucionária como depositária da verdade, de uma revolução verdadeira significaria congelar a Rússia revolucionária em um bloco de gelo, um bloco de gelo que nunca mais evoluirá e sufocará as conquistas da revolução (Rovelli, 2020, p.134-35).

Em terceiro lugar, se Negri se pergunta sobre a eventualidade de ter perdido a razão em prol da ilusão revolucionária, mais modestamente me pergunto se eu perdi a razão na tentativa de “controlar o próprio Negri” quando de sua última visita ao Brasil organizada por mim, em junho de 2014.

O incômodo tinha começado em 2013, justamente quando a multidão teorizada por Hardt e Negri apareceu em carne e osso no Brasil também: ela não lutava contra algum ditador árabe, nem contra a direita espanhola, sequer contra os símbolos das finanças em Wall Street. A multidão no Brasil se levantou para afirmar uma outra gestão do espaço e do tempo nas metrópoles e, ao mesmo tempo, contra o pacto da governabilidade mafiosa brasileira que tinha encontrado sua âncora no PT de Lula. Depois de um primeiro momento de paralisia diante da intempestividade do evento, a burocracia petista entendeu muito bem que não havia como conciliar a imaginação democrática das multidões com os prosaicos compromissos e as negociatas que estavam tocando entre Petrobras, megaobras e megaeventos. Começou assim um trabalho de grande envergadura de desconstrução da manifestação de junho de 2013.

Em 2014, pela primeira vez desde a década de 1970, me sentia totalmente envolvido na tentativa de desdobrar o movimento de junho em mobilizações contra os grandes eventos (a Copa) e, sobretudo, contra a hegemonia petista (o projeto de reeleição de Dilma). Não se tratava apenas de levar a sério a crítica às remoções de pobres por conta dos grandes eventos, mas de realizar uma análise de que, depois do abalo sísmico de junho de 2013, era impossível que tudo continuasse como antes: ou ia mudar pela expansão democrática e criativa das lutas, ou iria mudar de outro jeito. O perigo estava exatamente no fato que o bloqueio da mudança democrática implicaria não no *status quo ex-ante*, mas em uma mudança outra, para muito pior.

A sensação de que a greve dos garis (em fevereiro de 2014) era mais o fechamento do ciclo de lutas do que seu desdobramento aumentava meus esforços – totalmente inúteis – de tentar evitar capturas e instrumentalizações. Tinha organizado mais uma visita de Negri pensando que isso poderia contribuir para a tentativa de enfrentar a máquina que o lulismo mobilizava para desconstruir as manifestações e realizar a “Copa das Copas”, preparando-se para as eleições. Ao contrário, por razões e mecanismos que não conseguia entender, a presença dele no Brasil amplificou todos os momentos de desconstrução lulista dos desdobramentos de junho 2013. Isso me parecia uma tragédia (que não deixou de acontecer, em 2018). De repente, manifestei toda minha frustração, na tentativa absurda de “governar” politicamente o Negri naquele momento que me parecia tão importante. E foi mesmo uma loucura pensar em encaixar sua visita em uma mobilização política contra a Copa. Seu pensamento e sua criatividade não cabem no dia a dia de um trabalho de construção política, embora ele teoricamente enfatize a importância dessa construção ao falar de uma “continuidade fria” (Negri, 2002, p.186) que é necessária para “construir lentamente, ao longo de dezenas de anos, uma organização de base dentro das usinas, eis uma paixão fria... Isso demanda tempo e controle, uma excitação controlada, alguma sabedoria paciente”. (Negri, 2002, p.186).

*Mas não foi isso que determinou a “ruptura”.* Negri rompeu comigo e a rede UniNômade depois que – durante a campanha eleitoral de 2014 – eu e uma parte de nós decidimos apoiar Marina Silva. Isso foi para ele imperdoável: um pecado mortal do qual ele precisava se afastar. Para mim, era (e continuo a pensar que teria sido) uma saída institucional democrática capaz de evitar que o *inevitável* apodrecimento do lulismo se transformasse em apodrecimento político do país. A esquerda universitária estava toda mobilizada contra o “grande perigo”: Marina Silva. A mais típica, e estulta, chantagem estalinista funcionava a todo vapor, no toque de caixa do marketing eleitoral do casal Santana.

A ruptura se oficializou com a censura de um artigo que escrevi em parceria com Bruno Cava logo depois da reeleição de Dilma. Nele dizíamos que era “uma vitória de Pirro” e que os governos ditos progressistas estavam esgotados. Dizíamos também – era novembro de 2014 – que no horizonte aparecia o impeachment de Dilma. Minhas análises (que alguém pode ter o direito de não gostar na forma e no conteúdo, mas que acabaram sendo confirmadas) foram classificadas por Negri como “narrativas fantasiosas” e a *doxa*

sobre a América Latina passou a ser aquela de Sandro Mezzadra (que escreveu um artigo simplesmente errado, no mesmo momento)<sup>12</sup>.

### 3. Marina Silva na União Europeia

O que tudo isso tem a ver com *Império*? Estarei eu me perdendo em minhas narrativas fantasiosas? Não estou me perdendo não: tem tudo a ver, no sentido de abordar como algumas das principais e mais inovadoras teses de *Império* acabaram sendo normalizadas por dentro, pelo próprio Negri. Mas, antes de passarmos a isso, vamos explicitar um pouco mais essa ruptura sobre o voto de 2014 em Marina Silva.

Contrariamente à imagem “vendida” no exterior – em particular por sua facção pós-trotskista, chamada DS<sup>13</sup> –, o PT não constitui nenhuma inovação democrática no âmbito da esquerda. Em cima de uma montanha de pragmatismo cínico e sem nenhum conteúdo, vegeta no mais residual determinismo economicista (nacional-desenvolvimentista). Não há o menor compromisso com qualquer tema reformista. Visto de dentro, o PT era ainda pior: um dispositivo indexado a interesses impermeáveis a qualquer tipo de debate democrático. O levante de junho de 2013 foi “a prova dos nove”: até então, a dita esquerda do partido podia esconder-se atrás da ausência de uma efetiva pressão social e assim justificar sua subordinação a um emaranhado de alianças indecorosas. Junho deixou o “rei nu”: o PT mostrou que seu compromisso era com o *status quo* mafioso e neocolonial. Mas junho assustou ainda mais as elites e particularmente os setores mais autoritários, aqueles bem representados nas Forças Armadas mobilizadas pelo governo Lula em diferentes operações de pacificação, no Brasil e no exterior, particularmente no Haiti.

Diante disso, apoiar a candidatura de Marina Silva em 2014 era repetir – em termos diferentes e adequados – o apoio dado ao PT entre 2003 e 2005. Pelas mesmas razões: não por acreditar em um determinado projeto, mas por apostar em um governo que se deixa atravessar pelos movimentos. O que o levante tinha mostrado não era o cinismo ou a corrupção do PT (que já eram sabidos), mas que seu aparato e suas lideranças eram totalmente impermeáveis às dinâmicas da radicalização democrática. O

---

<sup>12</sup> O material está disponível em [https://www.academia.edu/29963844/NarrativeFantasiose\\_pdf](https://www.academia.edu/29963844/NarrativeFantasiose_pdf)

<sup>13</sup> Democracia Socialista.



que – diante do escândalo do mensalão – apresentaram como uma corrupção do sistema representativo para impedir qualquer mudança, em 2013 apareceu como sua própria corrupção. Pegos com as mãos na massa pela multidão, Lula e o PT começaram a destruir a linguagem, amplificando uma polarização *fake* que fez um sucesso incrível no público que deveria ser o mais lúcido: o dos universitários. A defesa de princípio da mais absoluta falta de princípios se tornou o alfa e o ômega de uma narrativa tão radical quanto falsa.

Aconteceu algo totalmente parecido com o que o Negri narra em *A Fábrica de Porcelana* (2006), quando uma contestação quase o impediu de conduzir um seminário sobre o pós-moderno no Collège International de Philosophie (Paris), logo depois de sua saída da prisão e retorno à França: “(...) a sala estava cheia, mas logo que comecei a falar, fui obrigado a parar o seminário (por causa da contestação). Era acusado de traição”. (Negri, 2006, p.12) Negri comenta como isso é irônico, “pois (ele) tinha sido condenado a vários anos de prisão” e era “insultado como se fosse um mercenário (*vendu*)”. (Negri, 2006, p.12)

Mas o que mais interessa para a nossa reflexão é esse desdobramento da narrativa: “As contestações continuaram por várias semanas. Elas se amplificaram ainda mais quando declarei meu apoio à campanha pelo ‘sim’ no Referendum constitucional europeu”. (Negri, 2006, p.12) A constituição europeia era (e continua sendo) vista como o alicerce do neoliberalismo, algo que a esquerda não poderia apoiar, ou seja, exatamente aquilo que a campanha eleitoral petista atribuiu a Marina Silva. Negri explica sua opção: “Me parecia – e o penso ainda mais hoje (2006) – que tão somente a Europa permitirá constituir um campo político que corresponda às transformações mais recentes da conflitualidade social”. (Negri, 2006, p.12) Isto é exatamente o que eu pensava (e penso ainda mais hoje) sobre a minha ruptura com o PT e o *momentum* da eleição possível de Marina. O que Negri fez na Europa (apoiar a constituição europeia apesar de seu cunho neoliberal) eu não podia fazer no Brasil (apoiar Marina apesar de seu compromisso com os mesmos economistas neoliberais do governo Lula). No Brasil, Negri preferiu estar com o público que o contestava em Paris.

É aqui que pode ser útil fazer uma reflexão sobre *Império*. Nesse livro, as reflexões desenvolvidas desde a década de 1980 sobre transformações do trabalho e crise do moderno forneceram as bases para apreender a condição das lutas no pós-moderno, na nova globalização. Para a tradição geral da esquerda, a proposta de *Império* representou

imediatamente uma série de problemas, quase como uma provocação. O primeiro foi o de afirmar que não há mais fora, ou seja, que é preciso lutar e mudar *dentro* da nova condição, tirando as fronteiras do horizonte de qualquer método. Em seguida, Hardt e Negri apreendem o capitalismo contemporâneo sob a ótica das transformações estruturais do trabalho sem cair nas narrativas que atribuem a mudança à ideologia neoliberal. Não porque esta não exista, mas porque a força dela (que é anterior, baseada no pensamento neoclássico) está nas mudanças estruturais do pós-fordismo (em uma primeira fase) e do capitalismo cognitivo (em um segundo momento). É mesmo ao longo desses dois eixos que o livro recebeu o maior número de críticas e ataques. O livro foi bombardeado ao longo dessas linhas pelos que ficaram órfãos da luta anti-imperialista, como David Harvey e Atilio Boron (mais tarde isso se desdobrou no discurso sobre a *colonialidad del poder*). Em seguida, houveram os ataques de um esquerdismo moralizante. Encontramos isso em figuras tão diferentes quanto Badiou, Žižek e Nancy. Para eles, Negri é – traduzindo as paráfrases – um neoliberal, assim como vocalizado pelo Comitê Invisível que contestara o seminário de Negri. Uma outra linha de crítica – mais interessante – é aquela que se articula com base em um discurso identitário, sob a definição de “*afropessimism*”<sup>14</sup>.

A resposta de Negri a essas críticas foi, inicialmente, firme. No que diz respeito às críticas do grupo do anti-imperialismo, respondemos em um livro que escrevemos juntos e publicamos em 2005: (*GlobAL: biopoder e lutas em uma América Latina globalizada*). No entanto, a inflexão com relação ao Brasil depois de junho de 2013 não estará indicando por acaso que ele mesmo acabou integrando as críticas e dando razão aos contestadores do seminário? Nesse caso, teria havido um recuo, um Negri voltando aquém de Negri. Será que essa lealdade de Negri à ideia abstrata de esquerda não se deve a algumas ambivalências da proposta político-filosófica contida em *Império*?

#### 4. Contágio e Eugénias

Em *Império*, Negri e Hardt dedicaram algumas páginas aos temas da corrupção e do contágio, antecipando alguns dos maiores desafios que enfrentamos hoje, no início da

---

<sup>14</sup> Vide Catherine Malabou, “Life and Prison”, *E-Flux*, 10 de outubro de 2020. <https://www.e-flux.com/architecture/confinement/351041/life-and-prison/>. Para o conceito de afropessimismo, ver Frank B. Wilderson III, *Afropessimism*, Norton, New York, 2020.

terceira década do novo século. Contudo, 20 anos depois, a antecipação não funciona do mesmo jeito. A hegemonia lulista em praticamente quatro governos federais (e um sem número de governos estaduais e municipais) não apenas não determinou nenhuma ruptura com a tradicional corrupção brasileira, mas a levou a um outro patamar. Ao mesmo tempo, a pandemia do Sars-CoV-2 atualizou dramaticamente o tema do contágio. É bem verdade que “a era da globalização é a era do contágio universal” (Hardt e Negri, 2000, p. 136), mas em um sentido que não é o que Negri e Hardt lhe atribuíam, por meio de uma referência literária e de uma referência empírica. Por um lado, eles mobilizaram a narrativa sombria de um higienista francês que nas colônias africanas só encontra enfermidades. Acontece que o higienista é nada menos que Céline. Em *Viagem ao Fim da Noite* (*Voyage au bout de la nuit*), a reflexão de Céline ainda é ambivalente, mas ele se tornará rapidamente antissemita e, logo depois, nazista. Assim, higienismo e contágio são elaborados conjuntamente, como uma relação entre colonizador-higienista e colonizado-enfermo. Por trás do contágio, há na realidade “a superabundância da vida” (Hardt e Negri, 2000, p.135). Mas, se Céline apenas enxergava o contágio nas colônias, a maior pandemia daquela época – do nível daquela que estamos vivendo hoje – tinha acontecido na metrópole, levada para a Europa pelas tropas americanas que iam participar da Primeira Guerra Mundial. As doenças coloniais eram assim desafiadas pela gripe espanhola, que vinha dos Estados Unidos.

“Junto com a comemoração dos fluxos ilimitados no Global Village, ainda persiste a nostalgia da higiene colonialista” (Hardt e Negri, 2000, p.136). A demonstração disso teria sido a gestão da AIDS: “os discursos dominantes sobre prevenção da AIDS foram todos sobre higiene: temos que evitar contatos e usar proteção”. (Hardt e Negri, 2000, p.136) Eles concluem esse *intermezzo* dizendo que “nada poderá trazer de volta os escudos higiênicos dos limites coloniais”. (Hardt e Negri, 2000, p.136). Com certeza, a globalização implica um contágio universal e que se dá na mesma velocidade alcançada pelos aviões comerciais, como esse da pandemia da Covid-19. Contudo, a doença não veio nem da África, nem da colônia, mas da potência mundial que está contestando a hegemonia americana ou ocidental e, nesse sentido, confirmando as teses de *Império*, ou seja, a decadência dessa dimensão americana.

Ao mesmo tempo, a “obsessão pela higiene” é uma metáfora da busca por *pureza*, inclusive política, essa que os militantes do Comitê Invisível foram cobrar no Seminário

de Negri, essa que a esquerda anti-imperialista contrapõe às teses de *Império* e, enfim, essa que a esquerda antineoliberal lhe cobrou no momento que ele defendeu o “sim” no Referendum sobre a Constituição (neoliberal) da União Europeia. Mas, no Brasil, é Negri que quer manter sua “pureza de esquerda” e se dissociar dos que – como eu – ousaram pensar que – depois de junho de 2013 – a vitória eleitoral de Marina Silva teria sido uma saída institucional adequada ao novo patamar das lutas. Em *Commonwealth*, Negri e Hardt propõem a inversão do “ousar saber” kantiano em “saber ousar”. Contudo, o *sapere aude* só pode ser invertido nos livros: ousar saber, pode! Mas só se permanecer leal ao *rebanho* da esquerda corrupta.

A questão não é aqui ter certeza de que a vitória de Marina teria evitado a catástrofe atual<sup>15</sup>, mas que essa hipótese foi simplesmente *excomungada* em nome de uma lealdade à esquerda – ao PT e a Lula – que só uma preocupação com uma “pureza” abstrata da esquerda como ideia explica. Mesmo que, por trás dessa pureza, haja apenas uma questão de “público”, sempre se trata de uma questão de *higiene*. Ainda pior, a procura pela pureza no Brasil, o rebaixamento das outras interpretações ao estatuto de “narrativas fantasiosas”, a tagarelice sobre o “golpe midiático-parlamentar” (o impeachment de Dilma) ou sobre o “fascista” Bolsonaro se espelha no mais total silêncio sobre a tragédia da destruição da economia e da sociedade venezuelanas pelo “socialismo do século XXI”. Nesse caso, Negri (e Michael Hardt) poderiam ter aprendido com a experiência de uma visita à Venezuela, onde fomos juntos e eles foram instrumentalizados por Hugo Chávez, que os colocou em um reality show que faria envergonhar Silvio Berlusconi (“Alô Presidente”). Sem contar o ridículo da situação, Chávez mostrou que, para ele, tratava-se de mera demagogia autoritária e da instrumentalização, para seus interesses políticos, de dois intelectuais que tinham conseguido alguma notoriedade. Hardt e Negri foram colocados em um programa de TV como aqueles troféus pendurados nas paredes da sala de algum caçador. Negri teve que mostrar lealdade ao caudilho que falava sobre o “Império americano”, exatamente o contrário do que o livro propõe. A domesticação do pensamento tem os caminhos mais inesperados.

Além disso, o caso do HIV está longe de resumir o problema das pandemias da mesma maneira que o desprezo pelas políticas de prevenção mal se encaixa num horizonte biopolítico. O próprio Michel Foucault – que morreu na primeira onda por

---

<sup>15</sup> Continuo convencido disso, mas isso virou hoje um detalhe.

ainda não ter tido acesso às informações sobre a pandemia de HIV e assim não ter tido como conhecer alguns gestos de prevenção – defendia o combate às epidemias. Mencionando uma viagem ao Nordeste brasileiro, ele constatava: “a taxa de morbidade chega a 100%: a parasitose – por ‘antimédico’ que a gente seja – existe; e é possível suprimir a parasitose. O problema é saber como podemos conseguir resultados terapêuticos, que seria ridículo negar, sem que isso tenha por suporte e por efeito a instalação, ao mesmo tempo, de um poder medical, de um tipo de relação com o corpo e de um tipo de autoritarismo – enfim, de um sistema de obediência (...)”. (Foucault, 1976-78, p.347).

A pandemia da Covid-19 mostrou que a eugenia pode ter caminhos que *não* são higienistas. Como não ficar incomodado ao ouvir essa conclamação pela impureza dos autores de *Império* ressoar na boca (!) de um Jair Bolsonaro que – para *negar* a pandemia – diz: “Brasileiro pula no esgoto e não acontece nada?”<sup>16</sup> Curiosamente, em uma entrevista-abecedário de Negri, o primeiro verbete da letra “E” é sobre Eugenia: ela é, diz Negri, a tradição da metafísica ocidental e, nesse sentido, é o contrário do “biopolítico, tal como tentamos pensá-lo”. (2006, p.89) O biopolítico é contra a eugenia. Ele é a afirmação da “hibridização e (da) diferença e mestiçagem da multidão” (2006, p.89). Pois bem, a atual pandemia nos mostrou a cara da eugenia, não dos que defendem os gestos barreira ou as medidas de higiene para diminuir a velocidade do contágio, mas dos governos que defendem a imunidade de rebanho “natural”, seja a partir da gestão epidemiológica sueca ou das políticas proto-fascistas de Trump ou Bolsonaro<sup>17</sup>.

Lembremos que, depois de seu nascimento na França (com Binet), a eugenia se firmou na Inglaterra com Galton, para depois se espalhar no mundo anglo-saxão. A historiadora da ciência, Laurence Perbal, escreve que, entre 1907 e 1940, 35 estados dos EUA, duas províncias do Canadá, além de Estônia, Dinamarca, Finlândia, Noruega, Suíça e Suécia promulgaram leis de esterilização (voluntária e compulsória) para indivíduos portadores de defeitos considerados hereditários: doenças mentais, desvios sexuais, epilepsia etc. Perbal (2011) estima que, nos Estados Unidos, algo como 30 mil pessoas foram esterilizadas e, na Alemanha, centenas de milhares. Já podemos ver que o nazismo

<sup>16</sup> Fábio Murakawa, “‘Brasileiro pula no esgoto e não acontece nada’, diz Bolsonaro”, *O Globo*, 26 de março de 2020, disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/o-brasileiro-pula-no-esgoto-nao-acontece-nada-diz-bolsonaro-sobre-coronavirus-1-24330995>

<sup>17</sup> Kelly Bjorklund e Andrew Ewing, “The Swedish Covid-19 Response Is a Disaster. It Shouldn’t Be a Model for the Rest of the World”, *Times*, 14 de outubro de 2020.

não inventou nada, apenas deu à “ciência” um conteúdo mais efetivo. As críticas de Carl Schmitt à “fraqueza” do formalismo jurídico de Hans Kelsen incluíam mesmo a ideia de varrer os fracos. Na crise do Covid-19, essa “cultura” política reapareceu como “política”. Ora, Perbal lembra que as políticas nazistas foram muitas vezes bem acolhidas, por exemplo, pela associação britânica que defendia a eugenia. Muitos americanos visitaram a Alemanha depois que o nazismo tomou o poder em 1933. Foi só depois da revelação dos campos de extermínio que se produziu um vasto movimento de rejeição definitiva da eugenia (Perbal, 2011, p.31).

O fascismo tem na eugenia seu horizonte, mas a eugenia não precisa ser fascista para ser efetiva. Depois que foi banida no segundo pós-guerra, muitos países mantiveram leis de aplicação de critérios de eugenia: “Alguns, como Canadá, Suécia e Suíça, continuaram suas políticas de esterilização eugênica até a década de 1970”. (Perbal, 2011, p.31). As leis e as políticas formais foram abolidas, mas a eugenia continua, dessa vez na forma de política epidemiológica. A escolha da Suécia pelo rebanho vem, pois, de uma tradição eugênica. Talvez não seja por acaso que, no meio do negacionismo da pandemia, apareceram as denúncias de esterilizações compulsórias praticada em mulheres imigrantes nos centros de detenção dos ilegais nos Estados Unidos de Donald Trump<sup>18</sup>.

## 5. Geração e Corrupção

Em outro momento, Negri e Hardt tomam o tema da *corrupção*. A soberania imperial não se organiza em torno de um conflito central, mas se expande em uma proliferação não localizável. Alguns autores, como Hans Magnus Henszenberger, falam, logo depois da queda do muro de Berlim, de guerras moleculares. Essa crise que se expressa por uma proliferação de conflitos, ao mesmo tempo em todo lugar e em lugar nenhum, é tratada por Negri e Hardt como *corrupção* e *geração*, bem nos termos de Aristóteles<sup>19</sup>.

Porém eles desenvolvem o argumento pelo avesso: “Na forma como é usada pela filosofia contemporânea e moderna, a corrupção de fato se tornou um pobre conceito

---

<sup>18</sup> Catherine E. Shoichet, “In a horrifying story of forced sterilizations, the US is beginning a new chapter”, CNN, 16 de setembro de 2020. Disponível em <https://edition.cnn.com/2020/09/16/us/ice-hysterectomy-forced-sterilization-history/index.html>

<sup>19</sup> Ver Aristoteles, *On Generation and Corruption*, in *The Complete Works of Aristotle*, Vol I, ed. Jonathan Barnes, Princeton: Princeton Press, 1984.

para nossos objetivos. Ela agora se refere, geralmente, apenas ao perverso, ao que desvia do que é correto, bom e puro” (Hardt e Negri, 2000, p.202). Mais uma vez, a crítica do moralismo e da busca pela pureza soa meio estranha pois – diante do esgotamento dos governos ditos progressistas – Negri fez questão de mostrar sua lealdade não às lutas, mas à ideia abstrata e pura de esquerda. Pouco importava que a defesa de princípio da “esquerda” tivesse como base a mais absoluta falta de princípios e abrisse o caminho para a catástrofe política do bolsonarismo. O rebanho da esquerda parece conter um *público* que não se quer perder.

Mas a questão não é apenas essa. Depois de mais uma vez escrever sobre o hibridismo do império, Negri e Hardt sintetizam: “O poder imperial funda-se na ruptura de toda relação ontológica determinada. A corrupção é simplesmente o signo da ausência de toda ontologia” (Hardt e Negri, 2000, p.202). Parece que essas definições são suficientes para Negri continuar apoiando a corrupção material e moral do chavismo e do lulismo. Mais uma vez, não se consegue entender como a constituição de uma política da imanência, ou seja, de um “governo expansivo empurrado para frente pela dialética das forças sociais e políticas da republica” (p.371), pode se reduzir às políticas negociadas com grandes empresas e empreiteiras.

Temos aqui em funcionamento uma geometria variável da hibridização e da mestiçagem. Quando se trata de falar do Império como crise permanente, a hibridização se mantém como um terreno de luta expansivo e produtivo. Quando, porém, trata-se da política da esquerda (no nosso caso, dos governos ditos progressistas), tudo se torna uma questão de princípio, pouco importa se isso for em defesa da mais absoluta falta de princípios e que isso possa se traduzir ou na destruição de um país (a Venezuela) ou na legitimação da deriva fascista no Brasil. O moralismo que rege a crítica da corrupção é reivindicado na hora de defender a esquerda corrupta. Estamos exatamente no marco da guerra em nome dos “mesmos valores” tão bem descrita por Maurice Merleau-Ponty em sua *Note sur Machiavel*. Analisemos um dos processos contra Lula, aquele do Triplex de Guarujá. Negri endossa o duplo discurso que diz, por um lado, que a justiça (a força tarefa da Lava Jato em Curitiba e o Juiz Sergio Moro) não julgou de maneira imparcial e, pelo outro, que a corrupção seria um moralismo, uma defesa de valores abstratos. Mas moralismo político e parcialidade jurídica estão nesse tipo de retórica. Do ponto de vista político, o que interessa é – por exemplo – que o empreiteiro que delatou Lula é o mesmo



que colocou seu jatinho à disposição do então presidente para que este “convencesse” os índios do TIPNIS a aceitar a estrada que a OAS estava construindo na reserva indígena com financiamento do BNDES. A corrupção que está em questão é política e impacta a geração de contrapoder, nesse caso indígena. Não há equivalência entre essas duas dimensões. Da mesma maneira, Lula pode surfar internacionalmente no assassinato de Marielle. Mas o fato é que as investigações mostraram que Marielle Franco foi assassinada por membros das milícias (sociologicamente e politicamente próximos do clã de Bolsonaro). No entanto, quem apareceu como sendo os possíveis mandantes foram as máfias políticas que governavam (e governam) o Rio de Janeiro em aliança com o PT e isso para atacar a mesma operação judiciária (a Lava Jato) na qual o PT está envolvido<sup>20</sup>. A multidão de junho se juntou às lutas de resistência contra remoções para os megaeventos (Estádios, Arco Metropolitano, Refinarias, Porto Maravilha) no terreno do contrapoder: geração contra degeneração. A esquerda que Negri defendeu e defende é um fenômeno de degeneração: aquela que executava as remoções<sup>21</sup>. Que o juiz Moro tenha caído na armadilha bolsonarista aceitando ser seu efêmero ministro da justiça não elimina o fato de que Bolsonaro entrou em conflito com ele para desconstruir a Lava Jato e isso com o apoio da burocracia petista da mesma maneira que Glenn Greenwald, o jornalista que vazou a suposta parcialidade de Moro contra Lula, está totalmente integrado à rede de comunicação da ultradireita americana, participando da campanha de Fake News de Trump contra Joe Biden<sup>22</sup>. A questão que fica é: por que essa ambiguidade de Negri?

---

<sup>20</sup> Allan de Abreu, “Metastase: o assassinato de Marielle Franco e o avanço das milícias no Rio”, Revista *Piauí*, ed. 150, março 2019, disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-metastase/>

<sup>21</sup> Vide Rede Universidade Nômade, A questão da habitação e a regulação dos pobres no Rio de Janeiro: ‘choque de ordem’ ou ‘choque de cidadania?’, 30 de junho de 2009, com mais de 150 assinaturas. O secretário municipal de habitação, Jorge Bittar (do PT), respondeu com um texto intitulado: ‘Salada ideológica com fins desconhecidos’ (a resposta está no mesmo blog do manifesto). Note-se o estilo: criticar o PT, só mesmo fazendo “salada ideológica”, tanto é clara a dimensão ideológica do partido em questão. Além disso, a crítica claramente provem de algumas finalidades espúrias. O estalinismo não é algo que Stalin inventou. Organizar Copa para a Fifa e Olimpíadas em aliança com Sergio Cabral e Eduardo Paes (sem contar os escândalos da Lava Jato) que é clareza de projeto e ter fins “conhecidos”. Defender os favelados removidos, é ser instrumento de não se sabe qual complô. O material – que está em meus arquivos – ainda está disponível no blog criado na época: <https://coletivoacidade.wordpress.com/2009/07/13/a-questao-da-habitacao-e-a-regulacao-dos-pobres-no-rio-de-janeiro-choque-de-ordem-ou-choque-de-cidadania/>

<sup>22</sup> Veja a defesa de Glenn Greenwald pelo jornalista ultra-conservador Tucker Carlson da Fox News <https://tvuol.uol.com.br/video/jornalista-tucker-carlson-da-fox-news-apoia-glenn-greenwald-04028D1B3060E0B16326> <https://www.foxnews.com/media/glenn-greenwald-cone-of-silence-media-hunter-biden> Vide também o envolvimento contra Biden, Yael Halon, “Glenn Greenwald trashes media ‘cone of silence’ around Hunter Biden e-mail scandal”, *Fox News*, 19 de outubro de 2020, <https://www.foxnews.com/media/glenn-greenwald-cone-of-silence-media-hunter-biden>. A atuação de Greenwald como advogado de suprematistas brancos, à luz disso, adquire uma outra e inquietante



Temos duas respostas provisórias. A primeira é que a inovação negriana foi (pelo menos em parte) normalizada por dentro. O resultado mais paradoxal das críticas dirigidas a *Império* tem sido as manifestações de lealdade de Negri à ideia abstrata de esquerda e à integração por ele de temas que eram secundários: o extrativismo, a acumulação por *dispossession*, a fronteira como método, o silêncio diante do descalabro venezuelano etc. A pior de todas as genuflexões à *doxa* da esquerda é ter aceito o discurso – que sempre foi recusado – sobre neoliberalismo. A riqueza da pesquisa pós-operaísta sempre foi de apreender as transformações estruturais do trabalho no pós-fordismo (e depois no “capitalismo cognitivo”) sem cair no reducionismo que atribuiu o regime de acumulação do capitalismo contemporâneo ao “neoliberalismo”, como se um governo não neoliberal pudesse voltar ao regime de acumulação anterior e como se Marx criticasse a capitalismo industrial em nome do regime de acumulação feudal. O governo Lula foi a demonstração mais forte de que isso era impossível: a chegada de forças não neoliberais não implicava na ruptura com o neoliberalismo. O próprio Negri defendia essa análise que eu fazia, dizendo que esse discurso sobre o neoliberalismo era como querer novamente o “socialismo em um único país”.

A segunda questão é aquela de uma aposta de Negri na dimensão positiva que a “banalização” de seus conceitos teria na longa duração para a formação de um novo *habitat* comunista. Várias vezes, conversando com ele diante da incapacidade da esquerda de se reformular, eu perguntei: por quê não abandonar de vez esse “campo”? Ele sempre respondeu: “Jamais, seria ficar de fora do debate”. Parece algo corriqueiro, mas na realidade é dizer a meia boca algo que os reacionários dizem abertamente, como Carl Schmitt em seu panfleto sobre a “tirania dos valores”: a crítica do valor sempre acaba sendo afirmação de um outro valor (Schmitt, 2008).

Há uma terceira resposta, complementar às duas primeiras: a relação de Negri com a “ideia” de comunismo é mais idealista e talvez sua busca pelo absoluto menos luxemburguiana do que ele admite. Já em 1919, Rosa Luxemburgo criticou a revolução russa. Ela não apenas explicitou a ambivalência da crítica marxista da democracia dita “burguesa”, mas também antecipou a tragédia por vir. Ela chamou a “revolução de

---

dimensão, vide Jodi Wilgoren, “Supremacist Sent Code From Jail”, *New York Times*, 9 de março de 2005, <https://www.nytimes.com/2005/03/09/us/supremacist-sent-code-from-jail-lawyer-says.html>

outubro” de “golpe”<sup>23</sup> (Luxemburgo, 2005, p.88), criticando dura e explicitamente Lenin e Trotsky:

“Com certeza toda instituição democrática tem seus limites e suas ausências, fato que a mancomunada à totalidade das instituições humanas. *Mas o remédio inventado por Trotsky e Lenine, a supressão da democracia em geral, é ainda pior que o mal que se quer evitar*: sufoca, com efeito, a fonte viva de onde unicamente podem surgir as correções das insuficiências congênitas às instituições sociais, uma vida política ativa, livre e enérgica das mais amplas massas”<sup>24</sup>. (Luxemburgo, 2005, p.93)

É conhecida a astúcia com a qual Lenin tentou desarmar a contundência da crítica luxemburguiana dentro do campo das lutas das massas. Por um lado, ele mal disfarçou que o melhor teria sido censurar o texto e atribuiu (assim como o fez depois Georg Lukács) a decisão de publicá-lo a Paul Levi, tratado como um traidor e “um agente da burguesia”. Pelo outro, depois de dizer que Rosa estava errada, ele recorreu à famosa frase inspirada na tradição russa: “Há momentos em que as águias voam mais baixo que as galinhas, mas essas nunca poderiam elevar-se à altura daquelas” (Luxemburgo, 2005 [1919], p.10).

Rosa é uma águia, mas, ao criticar Lenin, se colocou no nível de uma galinha. Apesar dos erros (de Rosa), o grande líder concede que ela segue “sendo uma águia”. Nesse texto, Lenin trata o conflito político em termos judiciários, o que mostra que Stalin não precisou inventar nada, apenas deu a esse método mais amplitude, com os processos, expurgos e massacres. Se, por um lado, Lenin “absolve” Rosa, admitindo que seguirá “admirando (...) a grande comunista”, por outro, condena aqueles que a publicaram, pois, são “agentes do inimigo, membros de uma quadrilha” (Luxemburgo, 2005 [1919]). Não é difícil imaginar que essa linguagem leninista anuncia aquilo – os expurgos – que inicialmente tinham como justificativa a guerra civil e que depois passaram a ser atribuídos ao mau caráter de Stalin. Se Rosa tivesse sobrevivido à socialdemocracia alemã, teria com certeza sucumbido como centenas de milhares de militantes anarquistas, de

---

<sup>23</sup> “Em seu interessante folheto *Da Revolução de outubro ao Tratado de paz com Brest*, Trotsky afirma diretamente que o *golpe* de Estado de outubro pode ser definido como ‘salvação da Assembleia Constituinte (...)’.

<sup>24</sup> Itálico nosso. Importante sublinhar, Rosa detalha sua crítica inclusive defendendo a necessidade de manter o pluralismo eleitoral.

outros partidos de esquerda e mesmo bolcheviques pelas mãos dos aparatos repressivos bolcheviques.

A lealdade de Negri à esquerda – ativa no caso do lulismo ou passiva no caso do chavismo – está talvez nessa relação mal resolvida com a história (da revolução russa) e com um determinado tipo de leitura de Maquiavel. Se o operaísmo italiano não tinha nenhuma obediência aos partidos comunistas e olhava para os Estados Unidos no lugar da URSS, não é verdade que a relação com o “comunismo” realmente existente tivesse sido resolvida. Uma grande ambiguidade sempre permaneceu, a começar pela necessidade de manter essa tal de “lealdade” com a esquerda como essência, com o comunismo como ideia. Assim, os contestadores do seminário não são criticados pelo fato de ameaçarem o sacrossanto pluralismo político e científico, mas porque eles não reconheciam suas (de Negri) tentativas de “reinventar uma perspectiva comunista para os tempos por vir” (Negri, 2006, p.12). Ou seja, para os que não estão acreditando nessa reinvenção, cabe mesmo lhe tolher o direito de falar e até o crédito de não ter “perdido a cabeça”. Há um Negri para além de Negri, um Negri para além do socialismo real e de seu idealismo. Mas há um Negri aquém de Negri, pés e cabeça ainda dentro do socialismo real, inclusive aquele chavista, dito do “século XXI”.

Perguntado sobre a significação da queda do muro de Berlim, Negri responde: “Na minha cabeça o 1989 corresponde ao 1968. Ao passo que o 1968 tinha derrubado os muros que fechavam a nossa sociedade, o 1989 derrubou o muro que defendia o socialismo real mantendo-o fora do mercado mundial” (Negri, 2006, p.9). Duas páginas depois, aprendemos o contrário: “A União Soviética não conseguiu não porque sua existência fosse um sonho impossível, mas porque a estratégia ocidental de fechamento e repressão e o ódio anti-humanista venceram” (Negri, 2006, p.11). É como dizer – guardadas as devidas proporções – que o movimento radical na Itália foi derrotado pelas leis especiais (a delação premiada em particular) e não pelo fato de que os elementos expansivos tinham sido totalmente poluídos (corrompidos) pela permanência da esquerda, essa que Negri diz “ter em seu armário o esqueleto do capitalismo, pois nasceu de uma interpretação objetivista e determinista do *Capital* de Marx. Os dirigentes de esquerda gostariam de fazer os patrões e não conseguindo fazê-lo como privados o fazem como públicos, como estatais”. (Negri, 2006, p.36). Não há outra esquerda a não ser essa e ela não é equivalente ao que definem os regimes liberais. Não há equivalência entre os Estados Unidos

rooseveltianos e a URSS stalinista, mesmo que tenham combatido juntos contra o nazifascismo. O espanto de Vassily Grossman – escritor e jornalista mais lido do jornal do Exército Vermelho – quando ele assistiu às reivindicações trabalhistas do Prefeito da Berlim ocupada, junto ao marechal soviético, é sem apelo: ninguém imaginaria uma tal liberdade de luta na capital do país dos soviéticos. Vale a pena citar: “O comandante (general Berzarin) – comandante de Berlim – mantém uma conversa com o *Bürgermeister* (prefeito), que lhe pergunta quanto pagarão às pessoas que foram mobilizadas para o trabalho em objetivos militares. De fato – comenta Grossman – aqui parecem ter uma ideia muito precisa de seus direitos” (Beevor e Vinogradova, 1941, p.410) <sup>25</sup>.

A cabala do 1989 tornando-se 1968 não funciona. O 1968 não foi um levante apenas ocidental, mas global. Abalou as guerras neocoloniais (como aquela do Vietnã) e o socialismo real. Como não lembrar os operários poloneses e a Primavera de Praga? Como não fazer a diferença entre a expansão democrática do conflito no Ocidente e seu sufocamento com os tanques de guerra em Praga? Precisamos voltar mesmo à Rosa Luxemburgo e à crítica do totalitarismo, essa que Negri descarta nos parágrafos dedicados à Hannah Arendt em seu livro sobre o Poder Constituinte. Precisamos romper mesmo com todo tipo de transcendência, mesmo quando disfarçada de imanência e materialismo, sem medo de fugir da tirania dos valores.

## Referências

ABREU, A. de. A metástase: O assassinato de Marielle Franco e o avanço das milícias do Rio. *Piauí*, São Paulo, ano XX, v. 13, p. 18-25.

BALESTRINI, Nanni; MORONI, Primo. **L'orda d'oro. 1968-1977. La grande ondata rivoluzionaria e creativa, politica ed esistenziale.** Milano: Sugar&co, 1988.

BALESTRINI, Nanni. **Vogliamo Tutto: romanzo**, Milano: Feltrinelli, 1971.

BARNES, Jonathan et al. (Ed.). **Complete works of Aristotle, volume 1: The revised Oxford translation.** Princeton: Princeton University Press, 1984.

BEEVOR, Antony; VINOGRADOVA, Luba. Un escritor en guerra. **Vasili Grossman en el Ejército Rojo**, v. 1945, 1941.

---

<sup>25</sup> Cabe assinalar que o General Berzarin faleceu em um misterioso acidente, atribuído à polícia política, NKVD.

BERARDI, “Bifo” Franco. **The American Abyss**. Disponível em E-Flux: <https://www.e-flux.com/journal/111/343656/the-american-abyss/>, setembro de 2020.

CASSIN, Barbara. **Quand dire, c’est vraiment faire. Homère, Gorgias et le peuple arc-en-ciel**. Paris: Fayard, 2018.

CASSIN, Barbara **La nostalgie. Quand donc est-on chez soi?** Paris: Autrement, 2013.

COCCO, Giuseppe; CAVA, Bruno. **New neoliberalism and the other: biopower, anthropophagy, and living money**. Lexington Books, 2018.

FOUCAULT, Michel. “Enferment, psychiatrie, prison”, conversa o com in D. Cooper, J.P. Faye, M.-O. Faye, M. Zecca, *Change*, n. 22-23: La folie encerclée, octobre 1977, pp. 76,110, **Dits et écrits II, 1976-1978**. Paris: Quarto Gallimard, 2001.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Commonwealth**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2009.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Empire**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2000.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multid o: Guerra e democracia na era do Império**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

KROHN, Bill. La planète Leone. **Cahiers du cinéma**, v. 422, p. 10-13, 1989.

NEGRI, Antonio. **Goodbye Mr Socialism** (Raf Valvola Scelsi, org.) Milano: Feltrinelli, 2006.

NEGRI, Antonio. **Fabrique de Porcelaine. Pour une nouvelle grammaire du politique**. Paris: Stock, 2006.

NEGRI, Antonio. **Du retour: Ab c daire biopolitique. Entretien avec Anne Dufourmantelle**, 2002.

NEGRI, Antonio. **De volta: abecedário biopolítico**. [Tradu o Clóvis Marques]. Rio de Janeiro: Record, 2006.

NEGRI, Antonio **Já: a Força do Escravo**. Tradu o de Eliana Aguiar, Revisão técnica de Giuseppe Cocco. Rio de Janeiro: Record, 2007.

LUXEMBURGO, Rosa. **Crítica de la revolución rusa (1919)**. Tradu o espanhola de José Ric . Editorial Quadrata: Buenos Aires, 2005.

PERBAL, Laurence. **G nes et comportements   l’ re post-g nomique**. Paris: Vrin, 2011.

ROVELLI, Carlo. **Helgoland**. Milano: Adelphi, 2020.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena. Experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980.** São Paulo: Paz e Terra, 1988.

SIMSOLO, Noël; LEONE, Sergio. **Conversations avec Sergio Leone.** Paris: Cahiers du cinéma, 1999.

SCHMITT, Carl. **Die Tyrannei der Werte** (1960), tradução italiana de Giovanni Gurisatti. Milano: Adelphi, 2008.

TRONTI, Mário. **Operai e capitale.** Turin: Einaudi, 1971.